



O maternar e a formação de professores/as de Química

Maternity and the training of chemistry teachers

Ciliana Aparecida Balduino Ferreira¹
<https://orcid.org/0009-0007-4557-4170>

Fernanda Monteiro Rigue²
<https://orcid.org/0000-0003-2403-7513>

Recebido em: 19/05/2026

Aceite em: 11/06/2026

Resumo

O presente trabalho cria histórias que exploram a intersecção entre maternidade e formação inicial docente, contribuindo para os debates sobre equidade de gênero no ensino superior. Investigou-se o impacto da maternidade na trajetória acadêmica de estudantes da Licenciatura em Química, abordando como mulheres-mães habitam e resistem ao território universitário. As narrativas abordam desafios como a descoberta da gravidez, evasão escolar, rede de apoio, desistências e retomadas, suporte institucional, vivências como mães na universidade e a conciliação entre maternidade e estudos após períodos fora da escola. A maternidade, somada à busca por formação, trabalho e afazeres domésticos, a chamada jornada tripla, revela os impactos de uma sociedade patriarcal sobre essas mulheres. O estudo evidencia a urgência de considerar suas experiências na formação docente e propõe estratégias para superar os múltiplos obstáculos enfrentados. Reforça-se a necessidade de políticas públicas voltadas às mães, da construção de redes de apoio sólidas e da criação de ambientes acadêmicos mais justos e acolhedores. Por fim, o trabalho defende a implementação de ações institucionais e coletivas que valorizem a maternidade, visando a garantir que todas as mulheres tenham condições de alcançar seu pleno potencial acadêmico e profissional.

Palavras-chave: maternar; histórias; formação de professores/as de química.

Abstract

The present study creates stories that explore the intersection between motherhood and initial teacher education, contributing to debates on gender equity in higher education. It investigates the impact of motherhood on the academic trajectories of students enrolled in a Chemistry teacher education program, addressing how women who are mothers

¹ Universidade Federal de Uberlândia. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, UFU. ciliana@ufu.br

² Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora adjunta na UFU/Campus Pontal e Professora Permanente no Programa de Pós-graduação em Educação da UFU. Líder do grupo de estudos e pesquisas Habitar. fernandarigue@ufu.br





inhabit and resist the university environment. The narratives examine challenges such as the discovery of pregnancy, student dropout, support networks, withdrawals and returns, institutional support, experiences as mothers within the university, and the reconciliation of motherhood and studies after periods away from school. Motherhood, combined with the pursuit of education, work, and domestic responsibilities—the so-called triple burden—reveals the impacts of a patriarchal society on these women. The study highlights the urgency of considering their experiences in teacher education and proposes strategies to overcome the multiple obstacles they face. It reinforces the need for public policies focused on mothers, the construction of strong support networks, and the creation of fairer and more welcoming academic environments. Finally, the study advocates for the implementation of institutional and collective actions that value motherhood, aiming to ensure that all women have the conditions to achieve their full academic and professional potential.

Keywords: mothering; stories; chemistry teacher training.

Introdução

A maternidade é uma experiência transformadora que traz consigo uma série de responsabilidades e demandas para as mulheres. No campo discursivo, não é diferente, segundo Maria Schwengber e Dagmar Meyer (2011) “Ser mãe envolve (...) uma discursividade cada vez mais complexa que é amplamente produzida e divulgada em diversos artefatos da cultura, como poemas, canções, romances literários, filmes, novelas (...)” (p. 285). Em se tratando da cultura do Ocidente, as autoras ainda apontam que ser mãe diz respeito a uma etapa da vida feminina “[...] que envolve a gestação, o parto e a lactação e também para cuidados anteriores e posteriores ao parto; estes últimos constituem um conjunto de ações de longo prazo, dentre as quais se destaca a maternagem (...)” (Schwengber; Meyer, 2011, p. 285). Quando combinada à busca pela educação superior, ao trabalho remunerado e às tarefas domésticas, a maternidade para os corpos femininos resulta em uma realidade conhecida como ‘jornada tripla’. Esse fenômeno afeta significativamente as mulheres que decidem continuar seus estudos enquanto criam seus filhos e/ou filhas e mantêm suas atividades profissionais e/ou domésticas. Trata-se, portanto, de um caminho de luta no campo da educação no Brasil.

Este artigo tem como objetivo geral criar histórias (Haraway, 2023) que explorem a intersecção entre maternidade e formação inicial docente, considerando-as como relevantes para os debates contemporâneos que buscam equidade de gênero envolvendo





os processos habitados por mães no contexto universitário. Da mesma forma, tem como objetivo específico dimensionar, por meio de fundamentação teórica consistente, como a maternidade impacta a trajetória acadêmica de estudantes, ao mesmo tempo, que busca dar relevo às dificuldades específicas e às distintas estratégias criadas por elas com vistas a conciliar o maternar com os estudos universitários. Sob essa perspectiva, o problema de pesquisa se interessa em compreender de que maneira as mulheres que exercem a maternidade e são estudantes do curso de Licenciatura de Química enfrentam obstáculos que envolvem questões relacionadas ao gênero, à maternidade e ao ambiente acadêmico, proporcionando uma visão mais ampla sobre os múltiplos desafios e as táticas de enfrentamento que essas mulheres elaboram.

Diante do exposto, este trabalho insere-se em uma discussão mais ampla sobre a necessidade de tensionar a invisibilização dos corpos e vidas das mulheres-mães no ensino superior. Tal movimento visa à promoção de um ambiente acadêmico mais equânime, menos demarcado/afetado/delineado pelo sistema patriarcal. Este trabalho não apenas se interessa pelo tensionamento da necessidade de silenciar situações de estudantes-mães na Universidade, mas também aponta para a importância de um agenciamento coletivo que pense, reconheça e atue para o desenvolvimento de práticas (institucionais e pessoais) que respeitem e acolham o maternar.

Maternidade e ambiente universitário

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a maternidade de forma abrangente, incluindo não apenas o ato de dar à luz, mas também todo o cuidado e suporte necessários para assegurar a saúde física e mental da mãe e do/a recém-nascido/a. O maternar envolve todo ajuste e cuidado que está no entorno da gestação. É crucial atender de maneira integral e sustentável às necessidades das mães e dos/as bebês para promover a saúde e o bem-estar de ambos/as. A ausência de apoio adequado pode acarretar desafios significativos para as mães, impactando não só a própria saúde, mas também o desenvolvimento de seus filhos (OMS, 2022).

A experiência de ser mãe é composta por diversas etapas que são únicas, cada uma marcada por transformações físicas e hormonais importantes (Silva, 2018). Ao analisar a





combinação entre maternidade e vida acadêmica, percebem-se desafios exclusivos que vão além de uma visão restrita à biologia ou à essência feminina. A maternidade no contexto universitário evidencia como vários fatores, expectativas culturais e pressões sociais impactam profundamente a vida acadêmica e pessoal das mulheres-mães-estudantes. Mesmo com o avanço da presença feminina no ensino superior (Meneghel, 2019), a maternidade sem a atenção devida ainda pode influenciar de forma negativa o desempenho acadêmico e a permanência dessas mulheres-mães na universidade. Entender os aspectos que envolvem a dualidade entre maternidade e o meio universitário é crucial para criar soluções eficazes que equalizem essa jornada (Santos, 2023).

A ausência de políticas educacionais direcionadas às mulheres-mães resulta em obstáculos significativos que impedem o acesso e a permanência dessas mulheres no âmbito do ensino superior (Santos, 2023). Sem bolsas de estudo e auxílios financeiros específicos, as mulheres-mães enfrentam múltiplas dificuldades financeiras adicionais, o que torna ainda mais difícil conciliar as obrigações acadêmicas e familiares. A insuficiência de cotas/auxílios nos editais de assistência estudantil, a carência de vagas em creches municipais e a ausência de creches universitárias são grandes obstáculos.

Regiany Carvalho (2020) analisa as dificuldades e as vivências enfrentadas por mães que estão na Universidade, enaltece a força das mães ao enfrentarem os obstáculos do meio acadêmico e as barreiras sociais que surgem em seu percurso. Salienta que, embora enfrentem adversidades, encontram estímulo em suas próprias vontades de mudar suas circunstâncias e proporcionar um futuro mais promissor para seus/as filhos/as. Entretanto, de acordo com Claudia Santos e Ana Luisa Cordeiro (2021), essa força individual, embora seja importante, não deve ser confundida com ‘superpoder’, nem ser a única ferramenta à disposição dessas mulheres-mães. É crucial que políticas equitativas e apoio familiar estejam presentes para auxiliar no ‘peso/sobrecarga’ que elas carregam.

Tatiana Roque (2024) aborda diversas questões relacionadas à participação feminina na ciência, destacando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para conciliar a maternidade com a carreira científica. Para ela, ao analisar as bolsas de pesquisa de mulheres pioneiras na ciência, identifica-se que essas não tiveram filhos ou não casaram. A dificuldade de conciliar maternidade e carreira científica encontra-se aliada a uma noção de atuação da mulher como única responsável pela criação das crianças, o que





dificulta a continuidade dos estudos e pesquisas (Roque, 2024). A jornada tripla enfrentada pelas mulheres-mães é um fenômeno complexo que merece ser profundamente analisado e compreendido. Não se trata apenas de administrar simultaneamente as tarefas domésticas, profissionais e acadêmicas, mas também de equilibrar essas tarefas de maneira eficiente.

A ausência de uma rede de apoio consistente pode intensificar os desafios enfrentados pelas estudantes que são mães, gerando sentimentos de solidão e sobrecarga de responsabilidades. Esse cenário pode resultar em estresse e depressão, impactando negativamente tanto a mãe quanto a criança. Por isso, ações que promovam um ambiente inclusivo e solidário, tanto nas instituições quanto nas práticas pedagógicas, são fundamentais para mitigar esses impactos e garantir um suporte integral às mães-estudantes.

O patriarcado e as Universidades

A Universidade e a ciência, assim como as diferentes instituições que encontramos na sociedade civil (família, entre outras), são afetadas diretamente pelo sistema patriarcal, o qual tem um poder político enraizado na nossa estrutura social, em que as vidas e corpos femininos são tomados como posse dos homens brancos. Esta compreensão está de acordo com a visão de Carole Pateman (1993), que sugere que o patriarcado e o sistema de escravidão geram e sustentam desigualdades profundas e sistemáticas. No patriarcado, a disparidade de gênero é perpetuada e fortalecida por meio de normas culturais, legislação e costumes sociais. Apesar de ser profundamente arraigado e opressivo, o patriarcado pode apresentar variações em sua intensidade e manifestação, dependendo do contexto cultural e histórico.

Fernanda Hampe (2016) destaca a complexidade das diversas formas de opressão e como estas influenciam as vivências individuais em uma sociedade permeada por diferentes sistemas de dominação, como o capitalismo, o machismo, o racismo e a discriminação contra a diversidade sexual. Essa conjunção de mecanismos de controle gera fragilidades específicas para cada pessoa, levando em consideração seu gênero, etnia



e orientação sexual, evidenciando que tais experiências são singulares e não podem ser generalizadas.

Sob este olhar, a classificação de gênero não é fixa nem global, mudando de acordo com o contexto histórico e cultural em que se encontra. No entanto, mesmo com essas mudanças, é comum o reconhecimento de valores considerados masculinos em detrimento dos femininos, refletindo e reforçando os regimes de representação e a dominação patriarcal dos corpos. Nesse sistema, o masculino está relacionado ao poder, à lógica e ao espaço público, ao passo que o feminino é associado frequentemente à sensibilidade, à esfera privada e à submissão (Hampe, 2016).

É vital refletir sobre o patriarcado no meio acadêmico e científico. Historicamente, essas instituições privilegiam a hegemonia masculina, reforçando hierarquias de gênero usadas pelo capitalismo para manter sua ordem (Souza, 2014). Assim, mulheres são frequentemente excluídas do ensino superior e do reconhecimento profissional. Combater as desigualdades capitalistas exige desconstruir barreiras patriarcais nas Universidades e na produção científica (Souza, 2014), mostrando que apenas a concessão de bolsas e auxílios não resolve o problema.

O paradigma patriarcal pode influenciar a forma como o conhecimento científico é desenvolvido, favorecendo certas perspectivas teóricas, métodos de pesquisa e campos de estudo que refletem os interesses dos homens e negligenciam questões, experiências e contribuições femininas. Mulheres que costumam ir à academia frequentemente enfrentam situações de discriminação e assédio, lidando também com dificuldades relacionadas à maternidade, como a falta de licenças apropriadas, obstáculos para equilibrar trabalho e vida familiar, e uma sociedade que não valoriza a harmonia entre vida pessoal e profissional.

É evidente que aprimorar as instituições de ensino superior com o intuito de torná-las mais justas e inclusivas demanda um comprometimento contínuo com a perspectiva feminista e a implementação de ações que valorizem e reconheçam a importância e voz de todas as mulheres nas distintas áreas do conhecimento científico (Roque, 2024), inclusive no que tange a formação de professores/as de ciências da natureza. É fundamental adotar políticas e estratégias na formação docente que promovam a equidade, tais como a criação de programas de mentoria voltados para mulheres, o





incentivo às lideranças femininas e a garantia de licenças maternidade adequadas. Além disso, é indispensável promover uma transformação cultural que questione as normas patriarcais e celebre a pluralidade de perspectivas na esfera acadêmica. Somente por meio de um esforço coletivo e constante será possível construir um ambiente acadêmico verdadeiramente equitativo.

Desse modo, tais ações convergem para capacitar educadores/as mais bem preparados/as para enfrentar os desafios atuais. Eles/as atuarão não somente como transmissores/as de conhecimento, mas também como facilitadores/as de um ensino que reconhece e valoriza as diversas realidades dos/as estudantes, promovendo uma educação que seja simultaneamente exigente e socialmente significativa. Isso colabora com o desenvolvimento de uma prática educacional que é atenta às diversidades e que busca, principalmente, a equidade e a justiça social dentro e fora do ambiente escolar.

Percurso metodológico

Este trabalho se interessou pela intersecção entre maternidade e formação inicial docente, por isso, cultiva a criação de estórias (Haraway, 2023) como movimento de pensamento e fabulação especulativa para dar relevo a situações que estão no entorno de ser mulher e mãe no âmbito da formação universitária.

A fabulação especulativa é admitida por Haraway (2023) como *Science Fiction* (SF), ou seja, “SF é prática e processo; é devir-com reciprocamente em retransmissões surpreendentes; é uma figura para a continuidade (...)” (p. 12). O devir é um estado de constante transformação e movimento. Quando aplicado às estórias (Haraway, 2023), esta concepção sugere que as fabulações são fluidas e possuem o poder de redesenhar ideias, concepções e tidas como ‘intocáveis’. Em uma estória que abraça o devir, não há lugar para certezas ou para uma visão imutável da realidade. Tudo está em constante movimento e metamorfose. Isso representa que a vida e as vivências humanas são constantemente influenciadas por novos conhecimentos, experiências e pensamentos.

A escrita ficcional e (auto)ficcional, produzida ao longo do ano de 2024 e desenvolvida no âmbito das reflexões inerentes à produção do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Química, ficciona o vivido, o experienciado pela primeira





autora. Por isso, a escrita ficcional e (auto)ficcional é apresentada como um dispositivo formativo voltado à promoção da presença, ao tensionar práticas tradicionais e ao convocar educadores/as e estudantes a ressignificar e ampliar a compreensão da prática científica, de modo a transpor barreiras e restrições do conhecimento científico historicamente centradas, de forma exclusiva, no norte global.

As histórias podem ter a capacidade de despertar saberes que poderiam estar adormecidos ou subestimados. Isso evidencia a habilidade das narrativas em se conectar com saberes e percepções que, de outra maneira, poderiam permanecer latentes. Haraway (2023) defende que “[...] cada vez que uma história me ajuda a lembrar de algo que achava que sabia, ou me apresenta a novos conhecimentos, um músculo fundamental para importar-se com o florescimento faz um pouco de exercício aeróbico (p. 53), o que permite complexificar o pensamento e os movimentos coletivos.

As histórias podem fortalecer a capacidade de empatia e de criação de escritas inventivas (Sales, 2023) que dizem de questões coletivas. Este movimento de fabulação especulativa e de derivas pela *videscrita* (Sales, 2023) permite ao ser que escreve novos ritmos, envolvimentos e experimentações. Como escreve Tiago Sales (2023), “[...] o poder da escrita autoficcional para a (pesquisa em) educação reside justamente na sua maneira transdisciplinar de brincar com o vivível, pegando carona nos acontecimentos que formam e transformar os sujeitos” (p. 8).

Nesse trabalho, cada uma das histórias tomou corpo a partir do desejo de dar a ver e pensar acerca de situações vividas-fabuladas-ficcionalizadas, em diferentes momentos e circunstâncias que estão no entre de pensar vivências de um curso de formação de professores/as de Química.

Estórias

A seguir encontram-se as histórias produzidas nesse estudo, cada uma delas mobilizou personagens inspirados em flores, que se destacam como os principais elementos, brotando e prosperando na mente de cada leitor e leitora. Com seu papel fundamental de gerar sementes e assegurar a perpetuação das plantas, as flores



dimensionam a continuidade e a regeneração, garantindo a sobrevivência das espécies e, de forma figurada, das ideias que estimulam.

A rede de apoio

A presença de uma rede de apoio é essencial para mães que precisam conciliar a maternidade com outras responsabilidades, como o trabalho e a formação acadêmica. Bromélia, que foi mãe na adolescência, muitas vezes dependeu de familiares e amigos/as para cuidar da filha enquanto estudava no contexto da educação superior. No entanto, nem sempre havia alguém disponível ou disposto a ajudá-la.

Sem o suporte de apoio da família, muitas vezes se sentiu solitária e desamparada. A ausência de alguém para compartilhar os desafios diários e dar incentivos aumentava a sensação de insegurança de Bromélia para tomar decisões importantes. Trabalhar e cuidar de uma criança ocupava a maior parte do seu tempo, deixando pouco ou nenhum espaço para suas atividades acadêmicas.

Bromélia trabalhava como vendedora em uma loja de roupas e acessórios, no centro da cidade e enfrentava um ritmo extenuante. A exaustão física e emocional afetava seu desempenho, resultando em atendimentos de má qualidade e baixa produtividade. Bromélia sentia o peso de suas responsabilidades: estudar, cuidar da filha, manter a casa e contribuir financeiramente.

A cada dia, Bromélia lutava para equilibrar todas essas demandas. Acordava cedo para preparar o café da manhã e organizar as coisas de sua filha antes de deixá-la na creche. Em seguida, ia para o trabalho, onde as longas horas em pé e o contato constante com clientes exigiam muito de sua energia e paciência. Muitas vezes, após um dia cansativo de trabalho, mal tinha forças para se dedicar aos estudos.

Apesar das dificuldades, Bromélia sabia que precisava continuar. Ela queria garantir um futuro melhor para sua filha e via na educação a chave para essa transformação. Mesmo que o cansaço muitas vezes a levasse às lágrimas, esforçava-se para encontrar momentos de estudo, muitas vezes sacrificando suas horas de sono.

A falta de apoio também se refletia em sua vida social. Bromélia não tinha tempo para encontros com amigos ou para atividades de lazer. Sua vida girava em torno do



trabalho, das responsabilidades domésticas e dos estudos. A solidão pesava, mas ela se agarrava à esperança de que seus esforços seriam recompensados no futuro.

Entre desistências e matrículas

No ano de 2007, Camélia participou do seu primeiro processo seletivo para a educação superior. Ela sempre sonhou em obter um diploma de graduada. Felizmente, ela foi aprovada para o curso de Química Licenciatura. Os primeiros três semestres foram desafiadores, a junção das responsabilidades da maternidade e do trabalho começaram a se tornar muito pesadas. O cansaço físico e emocional aumentou, as prioridades se modificaram e a escassez de tempo para as atividades acadêmicas se tornou insuportável. Camélia, portanto, decidiu desistir do curso após frequentar três semestres. Isso a fez evadir com um sentimento de frustração e de decepção por não conseguir conciliar tudo.

Em 2014, Camélia resolveu tentar novamente e prestou o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), optando pelo curso de Pedagogia em uma IES pública. Mesmo determinada, a sobrecarga entre maternidade, trabalho e afazeres domésticos a fez desistir mais uma vez, agora no final do primeiro semestre. A rotina exaustiva a deixava sem energia para seguir com os estudos, trazendo um sabor amargo de fracasso a cada desistência. Parecia que o sonho do diploma universitário sempre estava longe de se concretizar.

Em 2019, quando Jasmin, filha de Camélia, inscreveu-se para o Enem, imediatamente a convidou para prestar a seleção. Diferente das outras vezes, Camélia ponderou sobre a viabilidade de conseguir se manter no curso, questionando-se se os obstáculos habituais a fariam desistir no meio do caminho. Camélia decidiu se inscrever no último dia disponível. Realizou a prova do Enem e não obteve aprovação na primeira chamada. Contudo, na segunda chamada, Camélia foi selecionada para cursar Química Licenciatura. Em momento oportuno, Camélia realizou a matrícula e começou seus estudos. Ela e Jasmin iam juntas para a faculdade todos os dias, mesmo cursando áreas diferentes. Compartilhavam suas experiências e anseios, mantendo um vínculo muito forte. No término do segundo semestre, sua filha Jasmin decidiu interromper os estudos por não ser a área de sua preferência. No entanto, Camélia seguiu em frente.





Neste estágio, Camélia compreendeu que a permanência no curso também estava atrelada a percepção de que, aos 19 anos, sua filha Jasmin já não dependia tanto da sua presença intensa, como aconteceu anteriormente. Camélia, portanto, manteve-se estudando, dedicando-se em prol de um objetivo antigo.

O suporte na Universidade

Dentre tantas dificuldades enfrentadas por Violeta, mãe de Esponjinha (que já havia evadido da escola aos 17 anos), no ambiente de formação universitária, esteve a ausência de suporte e de compreensão de alguns professores/as. Em algumas situações, Violeta sentiu que seus esforços não eram reconhecidos/percebidos e que sua condição de mãe não era levada em consideração. Essa falta de compreensão pode gerar ainda mais estresse e dificultar o progresso acadêmico. Professores/as que não estão dispostos a oferecer flexibilidade ou apoio adicional podem tornar a jornada ainda mais difícil para mães estudantes.

Incentivos e apoios como: permitir que mães-estudantes tenham prazos maiores para entregar trabalhos e projetos. Oferecer a oportunidade de entregar tarefas com um pequeno atraso, sem punições. Além disso, disponibilizar as gravações das aulas para que possam ser assistidas em momentos mais convenientes e recursos didáticos online, como slides de apresentações, artigos e outras leituras.

Propor diferentes formas de avaliação, tais como projetos e/ou apresentações, em vez de apenas avaliações tradicionais. Implementar um sistema de avaliação contínua que permita avaliar o desempenho ao longo do tempo, ao invés de depender de poucas avaliações de grande relevância. Oferecer uma certa flexibilidade nas políticas de frequência, considerando que emergências e responsabilidades familiares podem interferir na presença regular.

Muitas vezes Violeta sentia excluída e inferior aos/as outros/as estudantes; a insegurança e a sensação de não pertencimento frequentemente a acompanhavam. Violeta recorda de algumas frases que ouviu e o impacto que essas tiveram nela “Esse conteúdo vocês já viram no Ensino Médio, não vou explicar!”. Violeta ficava entristecida em meio a narrativas dessa tonalidade, que acabavam generalizando a experiência de





aprendizagem dos/as estudantes. Sem falar que ela, estudante da modalidade EJA, tinha muitas dificuldades não sanadas provindas da educação básica.

Ao retornar para casa, Violeta dedicava seu tempo à leitura dos livros do Ensino Médio, a fim de assimilar o conteúdo necessário para acompanhar os estudos da graduação. Essa rotina tornou-se frequente, com diferentes professores/as. Cada crítica recebida abalava fortemente a sua confiança, porém também servia como um lembrete de que sua jornada era única, e que ela precisaria se esforçar ainda mais para alcançar seus objetivos.

Da mesma forma, Violeta enfrentou o medo e a vergonha de fazer perguntas na sala de aula. A insegurança era constante, e ela sentia que, ao levantar a mão, todos os olhares se voltariam para ela, criticando sua pergunta, o seu não saber. Em alguns momentos Violeta tinha o desejo de fazer perguntas que considerava importantes, mas se continha, temendo ser vista como menos capaz pelos/as colegas e pelos/as professores/as. Sentia que, por vir da EJA e não ter a mesma base de Ensino Médio/técnicos que muitos dos/as suas/seus colegas, suas perguntas poderiam ser consideradas banais e/ou irrelevantes. Esse sentimento de inadequação muitas vezes a impediu de buscar a assistência que de fato precisava.

Mesmo enfrentando esses obstáculos, Violeta não desanimou. O amor pela química e a vontade de garantir um futuro promissor para sua família foram seu impulso para seguir em frente. Mesmo diante de situações desafiadoras, ela buscou cultivar diferentes formas de se ajustar/adequar: construiu parcerias com colegas que a auxiliaram na compreensão dos temas e buscou suporte externo sempre que foi preciso.

Com o passar do tempo, Violeta adquiriu maior habilidade para lidar com a sensação de não pertencimento. Percebeu que sua vivência externa ao ambiente universitário proporcionava uma visão singular, e que isso poderia (em algum momento) ser algo positivo. Começou a enxergar sua trajetória acadêmica não só como um conjunto de desafios, mas como uma oportunidade de evolução e autoconhecimento.

Vivências na Universidade como mãe

Hortênsia, estudante de licenciatura, não conseguiu desfrutar/participar praticamente de nada que a faculdade disponibiliza/oferece. As diversas atividades





acadêmicas, eventos e oportunidades que surgiam ao longo do curso sempre pareciam estar fora das suas possibilidades, seja por falta de tempo, recursos ou simplesmente pelo constante sentimento de que não pertencia àquele ambiente - de que não era capaz. Isso resultou em uma vivência universitária extremamente limitada à frequência nas aulas e à sensação de que muito ficou por viver e experimentar ao longo dos anos acadêmicos.

Nas atividades extracurriculares ou eventos sociais da faculdade, Hortênsia nunca podia participar, por não haver flexibilidade de horário. Certo dia, ao caminhar pelo campus, Hortênsia observava cartazes coloridos expostos no mural. Um chamou sua atenção, era um anúncio para um workshop sobre o empoderamento feminino na ciência, algo que ela sempre quis explorar, mas nunca pensou que teria a oportunidade. Curiosa, parou para conferir os detalhes do evento. Estava sendo oferecido na parte da manhã, sem nenhuma outra opção de horário.

Hortênsia nunca foi convidada para participar de Iniciação Científica (IC), pesquisa ou qualquer outro evento em que tivesse de se dedicar integralmente. Seu status de mãe e trabalhadora muitas vezes a colocava em desvantagem, especialmente em matérias práticas como de laboratório. Ela se recorda com frequência de situações na qual percebia uma maior interação dos docentes com estudantes que haviam vivido o Ensino Médio integrado com técnico em Química. Hortênsia, por conta dessas situações, se sentia excluída e inadequada.

Hortênsia teve diversas experiências ruins, muitas delas ligadas à precariedade na conclusão do Ensino Médio e à falta de tempo para se dedicar exclusivamente aos estudos. Contudo, também teve a chance de dialogar e metamorfosear as relações e práticas junto de colegas e docentes que habitavam o ambiente universitário e desejavam transformá-lo para melhor.

Tramando reflexões

As histórias (Haraway, 2023) criadas dimensionaram a experiência da maternidade na educação superior, especialmente em cursos de Licenciatura, evidenciando processos de permanência marcados por tensões, desigualdades e resistências. Por meio de ficções e auto(ficções), dão a ver e a pensar o patriarcado que habita o ambiente acadêmico e que





busca reforçar estereótipos e hierarquias de gênero (Hampe, 2016; Souza, 2014; Schwengber, Meyer, 2011).

As dificuldades para conciliar a carreira universitária e a maternidade são latentes, conforme apontam as pesquisas de Roque (2024), Carvalho (2020) e Santos (2023). As desigualdades permanecem profundas e multifacetadas (Pateman, 1993); contudo, há muito sendo feito para romper com barreiras patriarcais nos espaços universitários e na produção científica (Souza, 2014), como é o caso do presente estudo. Insistências e inventividades configuram modos profícuos de metamorfose, inclusive no que tange à habitação de mulheres mães no ambiente universitário.

Considerações finais

Este trabalho atentou para a intersecção entre a maternidade e a formação inicial de professores/as de Química, destacando os obstáculos enfrentados por mulheres que equilibram estes aspectos significativos de suas vidas e as estratégias utilizadas para conciliar as responsabilidades da formação superior. O debruçar sobre a tríade: maternidade, ensino superior e os compromissos profissionais e familiares é uma realidade enfrentada por diversas mulheres e que, portanto, merece atenção e cuidado, caracterizando-se como um caminho de luta da educação científica no Brasil.

As histórias permitiram expandir o exercício de escrita criativa, além de ampliar discursos e reflexões científicas que tragam aquilo que se passa no mundo para o centro da investigação na educação científica. A fabulação científica e (auto)ficcional pode ser uma ferramenta poderosa para derrubar barreiras e promover uma visão mais ampla e mundificada daquilo que se vive no cotidiano. Ao compreender que a ciência educacional encontra sua potência nas relações que se estabelecem no/com o mundo, o trabalho dá vozes e perspectivas que geralmente são deixadas de lado e/ou ignoradas em um cenário científico marcado pelo patriarcado. Criar histórias a partir de situações vividas por mulheres e mães na Universidade é uma aposta ética, estética e política deste estudo, já que se entende que é a partir dessa enunciação que se encurtam as distâncias, os desafios e os preconceitos que dificultam o exercício de ciências e de formações equânimes e que





valorizem, de fato, as diferenças e as diversidades interseccionadas no ambiente acadêmico.

Reconhece-se a importância da construção de redes colaborativas no ambiente universitário que de fato celebrem e respeitem o materno. É fundamental implementar iniciativas que valorizem e apoiem a maternidade, promovendo um ensino superior que seja verdadeiramente equitativo. Compreender e agir coletivamente e efetivamente acerca dessa temática torna-se importante para construir uma sociedade mais justa, em que todos os corpos femininos e maternais tenham a oportunidade de se desenvolver plenamente em todas as áreas de suas vidas. Ao negligenciar os desafios de conciliar a Universidade, o trabalho e a vida pessoal, principalmente em um ambiente que não oferece o suporte adequado - como creches, flexibilidade de horários, ou mesmo um reconhecimento da sobrecarga mental adicional - a academia perpetua a exclusão e marginalização das mulheres que são mães.

Tensionar as estruturas patriarcais na produção e disseminação do conhecimento científico na Universidade, principalmente na formação de professores e professoras, é um horizonte indispensável para tornar os espaços formativos cada vez mais equânimes e justos - para todos e todas - em um trabalho de coletividade. Portanto, este trabalho apontou para a potência de ampliar o conhecimento e aprofundar a compreensão sobre como é ser estudante-mãe na Universidade, inclusive abriu vias para a urgência de continuar tecendo investigações acerca desse tema no contemporâneo.

Referências

CARVALHO, R. A. Muro das Palpitações: um manifesto de mães universitárias. 2020. 50 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.194>

OMS. **OMS pede atenção de qualidade para mulheres e recém-nascidos nas primeiras semanas cruciais após o parto.** 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/30-3-2022-oms-pede-atencao-qualidade-para-mulheres-e-recem-nascidos-nas-primeiras-semanas>. Acesso em: 13 jun. 2024.

HAMPE, F. Sejamos tod@s feministas: interseccionalidade, educação e direitos humanos; In: SILVA, F. F.; BONETTI, A. de L. **Gênero, interseccionalidades e feminismos: desafios contemporâneos para a Educação**, São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 17-32.





HARAWAY, D. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

MENEGHEL, S. N. Será a Universidade imune às discriminações sociais? **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e190577, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/vhkJRjQcfpVZfgPgJ83KpyL/?format=pdf&lang=pt>, Acesso em 02 ago. 2024.

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Trad. Marta Avancini. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

ROQUE, T. Do que falamos quando pedimos mais igualdade de gênero? In: OLIVEIRA, L. de; ROQUE, T. (Org.). **Mulheres na Ciência**: O que mudou e o que ainda precisamos mudar. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2024, p. 14-62.

SALES, T. A. A escrita como modo de vida: potências contemporâneas para a (pesquisa em) educação. **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, n. 3, p. 1-11, 2023. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v16i3.68236>.

SANTOS, L. de P. Entre os textos, as fraldas e os contextos: o (não) lugar da maternidade no contexto universitário. In: SUZUKI, J. C.; CASTRO, R. de C. M. L. de; SOARES, A. G. (Orgs). **Mães cientistas**: relatos de experiências e reflexões teórico-metodológicas. São Paulo: FFLCH/USP-PROLAM/USP, 2023, p. 36-53.

SANTOS, C. C. de S.; CORDEIRO, A. L. A. Maternidade e Formação Docente: Fatores Interferentes na Permanência de Discentes Mães na Educação Superior. In: **Anais Principais do Seminários de Educação (SEMIEDU)**, 29, 2021, Cuiabá. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021, p. 1775-1788. ISSN 2447-8776.

SILVA, L. K. V. da. *et al.* Alteração hormonal no período reprodutivo; **16º Seminário de Pesquisa/Seminário de iniciação científica-UNIANDRADE**, 2018; p. 24-26. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/82fd/498dacf45f94c0305aecb61bc60d87a6a8e7.pdf>, Acesso em: 22 jun. 2024.

SOUZA, R. G. S. de; Gênero e mulheres nas Universidades: um estudo de caso na UFBA; **Dissertação** (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2014.

SCHWENGBER, M. S. V.; MEYER, D. E. Discursos que (con)formam corpos grávidos: da medicina à Educação Física. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 36, p. 283-314, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/mYVvxPVqprXGX6PbxkczqJG/?lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2024.

